

O insubstituível leite materno

J. REIS

Empenham-se os Ministérios da Previdência e da Saúde em oportuna campanha pelo aleitamento ao seio. Na verdade, não há alimento mais adequado à criancinha do que o leite materno. Além dos benefícios emocionais que podem decorrer do hábito de dar o seio à criança, o uso do leite materno proporcione a esta substâncias de ação fisiológica que a mamadeira não contém.

A substituição do leite materno é muito antiga, quer pelo leite de amas ou pela mamada direta em fêmeas de animais, quer pelo uso de fórmulas artificiais, de que participa, ou não, o leite de animais.

GRANDE INDUSTRIA

Na década de 30 cresceu a indústria do leite em pó, apresentado em fórmulas cientificamente calculadas do ponto de vista nutritivo e calórico. A medicina adaptou-se rapidamente a esses produtos, que vinham satisfazer a muitas mães que não queriam ou não podiam aleitar os filhos. Em princípio, essas fórmulas eram melhores do que os substitutos artificiais outrora usados.

Não vamos culpar dos problemas que as fórmulas, mesmo as mais apuradas, podem apresentar, alguns inerentes à própria fórmula, outros devidos a erros em sua aplicação. No primeiro caso estão, por exemplo, a eventual deficiência de vitamina B6 ou o excesso de fosfatos, que em tempos idos já causaram convulsões. No segundo caso está o exemplo das mães que, para "reforçar" o leite preparado, juntam uma colher de pó a mais, ou daquelas que usam água poluída para fazer a diluição do pó.



Não há alimento que substitua o leite materno.

É impossível, porém, deixar de referir o estudo realizado em Sheffield, 1971, que mostrou que 60 por cento das crianças alimentadas com leite em pó manifestam excessivo peso. Essa tendência tem várias causas, uma das quais é o excesso de sal, que causa sede, que a criança procura saciar sugando mais leite e assim ficando com mais sede etc. O próprio excesso de matéria sólida pode acarretar efeitos danosos no organismo infantil, cujo sistema renal ainda não se acha plenamente capaz de colaborar na regulação do metabolismo da água. Em consequência disso, pode o leite artificial facilitar, indiretamente, alguns tipos de desidratação.

Nos 15 últimos anos as pesquisas sobre a alimentação láctea tomaram rumo diferente do antes seguido, que se preocupava quase exclusivamente com os aspectos nutritivo e calórico; enveredaram pelos campos da fisiologia e da imunologia, com a cooperação de especialistas de diversas áreas e recursos analíticos mais precisos.

FALTA NA MAMADEIRA

Logo surgiu uma descoberta curiosa, com a demonstração de que o leite materno possui qualidade que a mamadeira não consegue imitar. O leite humano, durante a mamada, vai variando de composição. Assim, o teor de gordura aumenta cerca de 5 vezes, e o de proteína duas vezes entre o começo e o fim da mamada. Esse fato talvez repercuta no controle do apetite. Quando a criança cessa de mamar num seio, por satisfeita, de bom grado aceita começar a mamar no outro, porque o que de início encontra é leite muito mais aguado, capaz de matar a sede.

Sabe-se que as gastroenterites são mais frequentes em crianças alimentadas com mamadeira, e muitos afirmam que o mesmo acontece em relação a todas as infecções. Não há dúvida de que o leite em pó favorece a contaminação, pelo uso de água imprópria. Além disso, é preciso considerar que o leite de peito, por seu teor de

lactose, facilita a colonização do intestino pelo *Lactobacillus bifidus*, que cria ambiente desfavorável à proliferação de germes perigosos.

Mais importante ainda, o leite natural contém anticorpos, isto é, substâncias específicas de defesa, formados no corpo materno. Esses anticorpos são imunoglobulinas.

Em animais Theobald Smith demonstrou fartamente o papel do colostro, o primeiro leite secretado após o parto, na prevenção de doença de bezerros.

Muitos animais recebem pelo colostro todo o arsenal de anticorpos para sua defesa, nos primeiros tempos. A criança, porém, recebe parte desses anticorpos, a chamada imunoglobulina G, pela placenta; recebe a imunoglobulina A principalmente pelo colostro e, em menor quantidade, pelo leite que vem depois. Ao que parece, essa imunoglobulina permanece na superfície da parede intestinal e talvez sirva para impedir a absorção de substâncias estranhas (micróbios ou proteínas mal digeridas que possam causar perturbações). Está demonstrada a existência de correlação entre a presença de imunoglobulina no leite e a proteção contra os efeitos de certas amostras de bacilo coli. Esse e outros micróbios são menos numerosos e ativos em crianças aleitadas ao seio do que nas que se nutrem com mamadeira.

HORMÔNIOS INTESTINAIS

Interessante pista foi aberta por John Radcliffe e Stephen Bloom, da Oxford, ao sugerir que o leite materno age fisiologicamente no intestino, controlando a ação dos hormônios do tubo digestivo.

Como já se sabe há muito tempo, o tubo intestinal produz em sua parede hormônios pertencentes ao grupo dos chamados péptides. Esses péptides desempenham, além de outras funções, importante papel no funcionamento do aparelho digestivo. Um deles, por exemplo, a gastrina, provoca contração do estômago quando este se enche de alimento. Outros agem sobre a frequência das fezes, a neutralização da acidez, a excitação da secreção pancreática e biliar etc.

Observações sistemáticas feitas em Oxford, no sangue de criancinhas alimentadas ao peito ou com mamadeira, revelaram nítidas diferenças quanto ao teor e ao tempo de aparecimento dos hormônios gastrintestinais. Não sa-

bemos ainda explicar essas diferenças nos dois grupos de crianças, salvo em alguns casos. Nas crianças de mamadeira há aumento de secreção de insulina, o que talvez contribua para explicar a porcentagem maior de crianças gordas demais no grupo alimentado com mamadeira. A diferença hormonal também poderia explicar a diferença notada entre os dois grupos quanto à frequência na eliminação de fezes.

FATOR DE CRESCIMENTO

Em Nashville, EUA, G. Carpenter observou que boa parte do efeito do leite materno na promoção do crescimento adequado se deve a uma substância especial, chamada fator de crescimento epidérmico (EGF), que se encontra nos líquidos do corpo.

As conclusões de Carpenter decorreram de estudos iniciais sobre a ação do leite humano em culturas de células. Esse leite provoca, em células cultivadas, a formação de DNA (o material genético) e a divisão celular.

Em culturas de células humanas, Carpenter demonstrou, por técnicas radiativas, que quando elas são incubadas em presença de leite humano ou de EGF purificado, é muito maior a atividade formadora de DNA. Quando, porém, se adiciona à cultura anticorpo bloqueador do fator de crescimento, o efeito estimulante do leite humano sofre redução de 93 por cento e o do EGF é totalmente abolido. Concluiu Carpenter que o EGF pode ser responsável pela ação do leite em relação à síntese do DNA. Mas é possível que, além deste, o leite contenha outros fatores de crescimento.

O que se nota, pelo que descrevemos, é que o leite não deve ser estudado apenas do ponto de vista nutritivo e calórico, para avaliar sua utilidade e adequação. É necessário completar esses estudos pela experimentação fisiológica e bioquímica, que abre novos horizontes à compreensão dos efeitos do leite materno e sua vantagem sobre o leite em pó, mesmo quando excelentemente preparado e formulado.

Cabe finalmente registrar que em vários países adiantados do Ocidente está voltando o hábito, que chegou a parecer perdido, de as mães alimentarem os filhos ao seio. As campanhas comerciais para forçar o leite em pó no Terceiro Mundo têm encontrado resistência por parte de certos governos, que não perdem de vista a possibilidade de contaminação do produto pela água poluída.

O discurso geral e a luta específica

IREDE A. CARDOSO

Fazer alianças, calar-se, não denunciar; pensar no poder logo além; usar grupos para dominar, manipular, enganar, cansar os que são chamados de companheiros, votar depois que todos ou quase todos se foram da assembléia, depois de aparentes discussões maçantes e inúteis; adulterar eleições, falar em nome de entidades fantasmas; alguns dos "truques" utilizados pelos que se dizem políticos. As mulheres, à medida que se organizam politicamente, precisam estar alertas a esses jogos, para, antes de mais nada, repudiá-los. Alianças são feitas com aqueles que comungam idéias parecidas e não existe grupo maior sobre o nosso planeta que aquele que deseja o fim da opressão e que permite a todos manifestarem-se, nas assembléias, discussões, debates. A participação efetiva é o desejo de todos e não é justo que um grupo, sob a alegação de "saber mais", de ser "mais organizado", ou agressivo (ou quaisquer outros) ponha em prática manipulações dessa ordem, com o intuito de "assumir o poder". Temos visto e observado os vários tipos de poder, esparramados por todos os lados. E eles estão longe de ser verdadeiramente políticos (entendendo "político" pelo exercício pleno da cidadania). São jogos baratos, pretensiosos: de um lado, deseja-se conduzir a "massa", o "rebanho", a "manada"; de outro, deseja-se favor, dinheiro, glória, mordomias. Poder. O poder, segundo entendem as feministas, é aquele que vem do consenso, no qual os que discordam continuam existindo e contribuindo, sendo respeitados. Mas há os

que, depois de um longo aprendizado de tirania, deixam-se levar pela imposição e querem impor, até mesmo às custas de sopapos, gritos, correntadas, pancadaria, perseguição. E isso vem ocorrendo entre nós, mulheres. Repete-se,

conosco, aquilo que sempre repudiamos e classificamos de "machista". E devemos desistir? Devemos expulsar de nossas organizações, de nossos encontros e congressos, esse tipo de mulher, pouco afeita à Democracia? A resposta das feministas é sim.

A pergunta vem a propósito dos últimos acontecimentos ocorridos durante uma das reuniões da Coordenação do 3.º Encontro da Mulher Paulista, marcado para dia 8 de março próximo, na sede da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Grupos de mulheres que se dizem representantes do jornal "Hora do Povo", tentaram, à força, entrar e se fazer representar em reuniões. Algumas dessas "feras" que se diziam representar "grupos", foram desmascaradas. Então, o que está acontecendo? É um prato assim tão apetitoso, dominar um temário de Congresso? A discussão fundamental aparentemente está na escolha dos temas que serão abordados no Congresso. Para as organizadoras do evento, que representam aquelas que vêm lutando para que o espaço de discussão dos temas que interessam às mulheres, amplie-se cada vez mais, os debates devem ajustar-se aos problemas do controle da natalidade, discriminação contra a mulher, mulher e trabalho, mulher e política. Nesses quatro temas estão encerradas as mais importantes reivindicações apontadas pelas

mulheres, durante todo o ano. Portanto, esses temas representam a preocupação atual da mulher paulista, seja ela de classe média, seja operária que trabalhe fora ou seja dona de casa, seja casada, solteira, viúva, desquitada, divorciada.

Por que, então, sugerir um temário que não é específico de nossas reivindicações? Por que impor, por exemplo, a discussão de uma assembléia livre, soberana e democrática? Contra esse tema não há quase ninguém. Nem o João. Mas as mulheres conscientes sabem que nosso espaço deve ser defendido a todo custo: nossas preocupações ainda não tomaram conta da sociedade como um todo e compete a nós mesmas discutí-las amplamente, divulgá-las, avançar em nossa conscientização e ação. Uma nação se faz com o povo consciente de suas necessidades e das maneiras de agir para atingir essas metas. E nós somos mais da metade da população no Brasil. Outros temas, não específicos da situação da mulher na sociedade, devem ser discutidos conjuntamente, homens e mulheres, em outras instâncias.

Para pacificar essa discussão que está virando uma briga e terminará em batalha, de nada adiantarão mentiras de unidade, hipocrisias de luta conjunta. Quem não reconhece seus antagonismos não pode avançar. É preciso que se ponha, já, um ponto final nesse confronto desgastante e inútil. Que haja dois Congressos: um das mulheres que desejam discutir a "assembléia livre, soberana, democrática" (que não devem ser muitas) e o nosso, das mulheres que continuam querendo se conhecer mais, discutir a própria realidade para o exercício

efetivo da cidadania. A Democracia do Congresso ainda está em jogo: para exercê-la é preciso, antes de mais nada, que tudo continue a acontecer como vem ocorrendo: de baixo para cima. Nenhuma imposição, mas o atendimento justo do que as regionais, os sindicatos, os grupos de mulheres em associações estão trazendo, após consulta às bases. E que essas bases existam de fato e sejam identificadas numericamente. A representatividade não é uma abstração. Dessa forma, se alguma mulher disser que "ela e o povo brasileiro" é que estão reivindicando, aceitar essa informação como uma piada esquizofrênica e recomendar psicoterapia, e como é para o "povo", que seja gratuita.

Mulheres**IIIº Congresso da Mulher Paulista**

Depois de meses de cansaço, brigas, disputas, derrotas, discussões e vitórias, terminaram as comemorações do Dia Internacional da Mulher e o III Congresso da Mulher Paulista. Mas não podíamos deixar que um tema que ocupou três edições findasse sem um balanço do que significou este Congresso, e do que significará em termos de trabalho daqui para a frente. Aqui, as posições de vários grupos feministas ouvidos pelo EM TEMPO sobre sua atuação e perspectiva de trabalho para este ano de 1981.

Associação das Mulheres:
A autonomia é um processo; não existe batalha ganha

Como a Associação ainda não fez a sua avaliação, entrevistamos Lucia Amaral, uma das mais ativas militantes da Associação das Mulheres, que fez parte da mesa coordenadora do Congresso: "Neste momento é interessantíssimo comparar os três congressos realizados até agora. O 1º, em 1979, foi para as feministas, o Congresso da descoberta. Nossos problemas tinham eco nas mulheres da periferia.

Mesmo questões como sexualidade, direito ao prazer, que julgávamos fora do universo dessas mulheres, ocuparam um espaço grande nas discussões que foram feitas, e com muito interesse de todas as participantes. Foi um congresso com linguagem e temas essencialmente feministas. O 2º Congresso, em 1980, veio reafirmar, a posteriori, o feminismo. Foi nesse Congresso que se vislumbrou a importância da questão da autonomia, que era uma afirmação das feministas, mas que veio a ser discutida e assumida por todas as mulheres participantes. Não podemos esquecer que éramos 4 mil e que o peso das mulheres da periferia era enorme. Nesse Congresso a predominância da bandeiras eram as lutas feministas.



Criou-se uma necessidade de aprofundar as discussões sobre as nossas questões, gerando o Encontro de Valinhos alguns meses depois. O 3º Congresso agora, veio expressar que a autonomia é uma questão que não dá mais para pensar a posteriori; ela esteve presente desde o começo, desde o primeiro dia de preparação do Congresso, deixando bem claro que autonomia é uma luta, não um presente. E que se essa reivindicação fazia parte somente da linguagem feminista, ela passou a ser a linguagem da 3ª Coordenação. Ou seja, num determinado momento falávamos todas a mesma linguagem, feministas ou mulheres da periferia. O que nos unia era sermos mulheres de oposição. Outra questão que apareceu muito é da luta pelo poder, que eu penso ser uma visão falsa, que só retém uma parte do problema, nossa atuação não se resume nessa questão, mas por uma concepção do movimento baseada na autonomia. A autonomia é um processo, não existe batalha ganha".

O balancê do mulherio

Lésbicas: Já passou a hora dos grupos de afirmação

Teca, apesar de independente, ainda é uma das principais representantes do movimento lésbico: "Este Congresso se mostrou muito produtivo na perspectiva de contatos com outros grupos. Até o ano passado as discussões sobre a autonomia do movimento lésbico, as diferenças de nossas questões, ocupou tanto espaço que chegou a nos isolar. No 3º Congresso várias mulheres que hoje estão independentes resolveram ocupar este espaço de discussão, muito menos pela ação organizada dos grupos feministas, e muito mais pela ação independente das lésbicas, entrando na organização, fazendo parte da Coordenação; a gente saiu legitimada enquanto mulheres e enquanto militantes. Foi uma ação produtiva para os dois lados. A aproximação das mulheres da periferia aconteceu cada vez que eu me colocava em grupos pequenos. Só quando você consegue ultrapassar as lideranças (aquelas que falam em nome da periferia) que são cheias de preconceitos, de receios e não admitem essa aproximação, é que a gente percebe que tem receptividade nas mulheres mais simples. Quanto menores os grupos mais a gente pode falar. Daqui para a frente nossa posição é: se integrar nos grupos feministas, nas lutas gerais, não dá mais para ser somente um grupo de afirmação homossexual, isolado do processo. Agora o caminho é acreditar no movimento e se colocar nele. Montar grupos que estejam a serviço do Movimento Feminista, Movimento Homossexual, Movimento de Minorias, etc. Participar igualmente em termos de trabalho, e não somente tentar se igualar no discurso. Já existem tentativas! Chanacomchana (o

jornal do movimento lésbico) tem essa proposta, de não ser um jornal de um grupo mas de todo o movimento, de rediscussão de grupos de afirmação, dos trabalhos nos guetos etc.

Brasil Mulher: O movimento agora está organizado

Outro grupo que ainda não fez sua avaliação é o Brasil Mulher. EM TEMPO entrevistou Iara Prado, uma das militantes do Brasil Mulher e integrante da mesa de abertura do III Congresso: "Para se fazer uma avaliação correta deste Congresso temos que pensar o que ele significou para o Movimento de Mulheres e para o Movimento Feminista. No primeiro caso, do Movimento de Mulheres, o congresso foi extremamente positivo porque avançou na questão da sua organização. Porque, durante todo o processo tumultuado da preparação do Congresso nós conseguimos nos manter unidas e preocupadas com a questão da organização do nosso movimento. Findo o 3º congresso, percebemos que lançamos uma proposta, de organização que apesar de ainda bem embrionária, tende a caminhar para uma solidificação. Nos outros dois congressos, assim que eles terminavam, terminava tudo. E da próxima vez, partíamos do zero. Agora a Coordenação continua, e continuaremos discutindo a nossa organização, o que é um fato muito positivo. O que eu vejo de negativo, ainda com relação ao movimento de mulheres, é o fato de que as quatro bandeiras de luta tiradas no Congresso não foram discutidas na extensão necessária, não foi tirada um encaminhamento concreto. Não discutimos qual vai ser nossa posição concreta com relação ao controle de nata-

lidade imposto pelo governo, qual a maneira de se formar uma comissão centralizadora para o movimento de luta por creches, formas de trocar experiências com os lugares onde esta luta obteve alguns ganhos etc. Enfim, não houve um espaço para aprofundar um encaminhamento unitário. Com relação ao movimento feminista nosso papel foi fundamental. Éramos nós, já organizadas nas questões específicas, que tínhamos claro a questão da autonomia, e quando outras forças tentaram atrelar o movimento de mulheres às bandeiras partidárias nós soubemos como agir. Ficamos na posição de polo de unidade entre os vários grupos componentes da Coordenação. Considero como vitória, também, o fato de termos conseguido esvaziar o preconceito da palavra "feminista". Até o 2º Congresso ficamos muito tímidas em nos assumir como feministas, esse termo significava alienação, descompromisso com lutas políticas, sapatões, radicais etc. A partir de agora o trabalho feminista passa a ser importante, o preconceito desaparece. O saldo negativo que eu faço para o Movimento feminista é o fato de que o Congresso exigiu da gente a posição de mantenedoras da unidade e não tivemos condições de desenvolver nosso trabalho enquanto feministas. Nos vários momentos em o que o Congresso nos solicitou, arcamos com sua infraestrutura, com a tarefa de sua realização, o que atrapalhou nossa atuação enquanto militantes. Nossa proposta que era de participar das discussões aprofundando as questões específicas, de uma atuação concreta nos diversos grupos, ficou prejudicada com a necessidade de garantir que a democracia prevalecesse

Nós Mulheres: O Congresso não deu espaço para o feminismo

Apesar do grupo Nós Mulheres não ter participado da preparação do III Congresso, ele esteve presente durante toda a sua realização e tem coisas importantes a dizer sobre o evento. Inês Castilho, uma das militantes do grupo: "Esse Congresso teve uma forma de organização que é emprestada de uma política tradicional que não dá espaço para o feminismo.

Tanto ao nível da linguagem quanto ao nível dos métodos, sua organização tem uma forma viciada. Da linguagem cito como exemplo o termo 'delegada', que dá ênfase à mulher militar, e é inútil imaginar que se pode recorrer a essas palavras e métodos escapando ilesa. É um jogo de cartas marcadas e não se cria nada de novo, num movimento que é novo e que diz respeito a uma questão nova: a mulher. Não dá para chapar em quatro, cinco ou seis bandeiras de lutas as necessidades e prioridades de um movimento extremamente diversificado. Aliás, não há espaço para diversidades. Na área sindical, por exemplo, poderia ser fundamental que saísse um apoio efetivo aos sindicalistas processados. Na área da mulher da periferia, lutas por melhores condições de vida. A pergunta é: como organizar um movimento diverso, respeitando cada setor sem espremer ninguém no 'específico' ou 'geral'? A vitória é uma ilusão, porque é de uma tendência política sobre outra tendência política e, de substancial, fica muito pouco. Como no IIº Congresso, a sensação que eu tenho neste IIIº Congresso é: nada antes, nada depois. No entanto, temos que concordar que nenhum encontro de número muito grande de mulheres é algo só negativo.

IIº Encontro das Mulheres - Minas e RGS

A realização de uma manifestação pública pelo congelamento dos preços do leite e das passagens dos transportes coletivos a ser realizada durante o mês de abril e a comemoração do Dia das Mães como dia pela maternidade e contra o controle de natalidade imposto pelo governo foram as principais lutas decididas pelo II Encontro da Mulher Mineira organizado pelo PT, PMDB, entidades estudantis, sindicatos, associações de bairro.

Por duas horas cerca de 500 mulheres se dividiram em grupos de 25 para discutir 5 pontos: mulher e política, carestia, sexualidade, maternidade e mulher e trabalho. O restante das atividades foi dedicado à discussão em plenária para aprovação de cerca de 40 propostas e bandeiras de luta para o movimento. Grande parte do tempo foi gasto nas discussões consideradas de cunho eminentemente político, como a carestia. A polêmica sobre a convocação e luta por uma Assembleia Constituinte consumiu quase duas horas.

Entretanto, temas como a sexualidade e maternidade ficaram relegados a segundo plano. Só no final do encontro foi que se discutiu o controle de natalidade, discriminação da mulher, creches, com a participação de poucas pessoas.

8 DE MARÇO DIA INTERNACIONAL DA MULHER



SEGUNDO ENCONTRO DA MULHER GAÚCHA - 1981
Data - 7 de Março - 14hs. 8 de Março - 9hs.
Local - Colégio Rosário

Também quase sem debate, deliberou-se a realização do I Congresso da Mulher Mineira para julho ou agosto deste ano. As formas de efetivação deste congresso não foram discutidas, apenas manteve-se a Coordenação do II Encontro. De tudo, o que se pode esperar do Congresso e lutar é que ele não repita os erros do Encontro.

se pautando apenas pelas questões gerais do movimento popular e não pela sua proposta inicial, a discussão da problemática da mulher, suas especificidades dentro da luta pela transformação social no país.

Gaúchas

Enfrentando boicotes da grande imprensa, dificuldades financeiras e o ataque anti-feminista dos apoiadores do jornal *Hora do Povo*, realizou-se nos dias 7 e 8 de março, no Colégio Rosário, o II Encontro da Mulher Gaúcha, com a participação de aproximadamente 400 pessoas.

De outro lado, acontecia na Assembleia Legislativa o auto-proclamado "I Encontro da Mulher Gaúcha", com a participação de 100 pessoas, levadas através de ônibus fretados, de distribuição gratuita de Coca-Cola, bolachas, iogurtes, almoço e os mais diversos brindes. Esta promoção, semelhante às comemorações do 1º de maio patrocinadas pelo governo, que transformam o dia do trabalhador numa festiva distribuição de presentes e prêmios, foi coordenada e patrocinada pelos HPistas, que se expressaram através de entidades ou fantasmas, ou com representação ilícita, ou controladas por essa posição.

As mulheres reunidas no Colégio Rosário discutiram, no dia 7, em sub-grupos: mulher e trabalho, mulher e educação, mulher e sexualidade, mulher negra, participação política da mulher, mulher e contracepção. No dia 8 foram realizadas discussões em plenário sobre dois temas. Controle de natalidade e violência sobre a mulher, questões que hoje se colocam como centrais na luta das mulheres brasileiras. Ainda no dia 8 ocorreu a plenária final onde foram discutidas todas as propostas e deliberados os eixos de luta e encaminhamentos do II Encontro.

A principal decisão foi a continuidade da Coordenação do Encontro, que passa a se projetar como a Coordenação do movimento de mulheres no Rio Grande do Sul, já que se propõe a aglutinar todos os grupos de mulheres, autônomos ou vinculadas à entidades ou partidos, existentes no Estado.

Já, o auto-proclamado II Encontro não reconhecia como central a necessidade de encaminhar e discutir as questões específicas da mulher. As suas principais discussões giraram em torno dos temas: assembleia constituinte, luta contra a carestia, aumentos das passagens de ônibus e, até mesmo, com relação à divisão dos opositores (PDT e PMDB) na Assembleia Legislativa Gaúcha.

A opressão ao homem

Um ensaio sobre a hipócrita liberdade sexual do homem

Por Júlio Dias Gaspar e Edward Macrae

Quando se fala de homossexuais, é preciso ficar claro que se fala de um comportamento sexual. E que esse comportamento, apesar de ser um fator determinante na personalidade, não é suficiente para caracterizar uma "personalidade homossexual". As pessoas são seres humanos, independentemente do fato de serem homens ou mulheres e de terem um comportamento sexual hetero, bi ou homossexual.

As feministas há tempos estão levantando a discussão sobre as consequências nefastas para as mulheres, resultantes de uma educação diferenciada que visa tornar meninas em dóceis e respeitáveis mães de família, escravas do lar. O outro lado da moeda é o treinamento recebido pelos meninos para se tornarem disciplinados trabalhadores e honrados provedores. Não se cogita aqui, é claro, equiparar a opressão sofrida pelos dois sexos, pois é óbvio que o papel destinado ao homem é muito mais amplo e lhe fornece uma maior gama de possibilidades de realização pessoal que o da mulher. O que se deseja ressaltar é que ele também sofre uma castração em muitas de suas potencialidades. Embora de forma diversa da mulher, também a ele é negado o direito de dispor de seu próprio corpo. Em nossa cultura atribui-se ao sexo masculino um padrão de força, de negação dos sentimentos, das emoções; coube-lhe a inteligência e à mulher as emoções. O próprio padrão de beleza masculina reveste-se de um caráter de força física, de rigidez muscular. Nega-se a ele o direito à doçura, à delicadeza, e essa quando existe é um função do "sexo frágil". As relações de amizade entre os homens são sempre baseadas na cobrança de sua potência sexual, na sua atitude viril para com a

vida. Homens não se podem tocar. E a sua busca de prazer sexual deve consistir na dominação de um "objeto". Enquanto a mulher sofre controles rígidos em sua sexualidade, essencial para mantê-la na sua categoria de serva, o homem precisa ser moldado para funcionar como um eficiente soldado da produção. Para tanto torna-se necessário aprisionar o seu comportamento corporal para adaptá-lo melhor à disciplina do trabalho, tolher ao máximo sua afetividade, que se exacerbada iria interferir na sua "objetividade" e "capacidade de pensamento lógico" tão necessários para o adequado desempenho de seu papel.

Dos troca-trocas aos travestis

Tradicionalmente, no Brasil, ao homem foi possibilitada uma grande liberdade sexual, desde as brincadeiras de troca-troca enquanto pequeno, a bestialidade praticada com animais no campo, o frequentar de bordéis e prostitutas, a manutenção de famílias paralelas, até o relacionamento sexual com outros homens (travestis e outros visivelmente "passivos"), contanto que a hipocrisia fosse exercitada e satisfação dada à sociedade de que ele em momento nenhum abandonara sua posição de macho ativo e dominador. Uma vez mantidas as aparências, o que o homem faz na cama, fica por sua conta, o que é muito bem ilustrado pelas frequentes alegações de travestis que descobrem que além dos silícones, são os seus atributos masculinos naturais que mais interessam aos seus parceiros.

Neste curioso mundo do faz de conta, do jogo de aparências, o homossexual masculino assumido vem provocar transtornos devido à recusa de se dobrar à hipocrisia reinante. Não seguindo as pres-

crições extremamente rígidas que devem governar a postura corporal do macho, ele se comporta de forma mais solta e é imediatamente acusado de "desmunhecar" e de ter comportamento efeminado (embora muitas vezes seus gestos também não se conformem aos padrões prescritos como adequados às mulheres). Igualmente sua vida afetiva também não se conforma adequadamente, em vez de ver outros homens apenas como companheiros de produção ou como concorrentes, ele os vê também como amantes em potencial.

Por ir contra a ideologia machista o homossexual masculino passa a sofrer uma violenta perseguição que toma formas das mais variadas. Em outras épocas e, até hoje em certos lugares como o Irã, o homossexualismo era punido com morte, e ainda hoje são inúmeros os países onde continua a ser considerado crime.

"Tarados, decadentes, fascistas"!

Homossexuais são invariavelmente apresentados pelos meios de comunicação como tarados, fracos ou, na melhor das hipóteses, palhaços. Mesmo entre aqueles que se dizem socialistas ou marxistas prevalece um preconceito, carente de qualquer fundamento, de que o homossexualismo seria uma decadência da burguesia (como se não tivesse existido sempre e em todas as culturas). Ou até um traço de personalidade fascista, apesar das milhares de pessoas que foram mortas nos campos de concentração nazistas, acusados de homossexualismo.

O indivíduo quando descobre em si uma atração por outros do mesmo sexo, geralmente se encontra sozinho e envergonhado, não discute o assunto. Comumen-

te ele apenas internaliza os preconceitos da sociedade e passa a sentir um forte sentimento de culpa. Não tendo nenhum parâmetro positivo com o qual possa se identificar e sofrendo um processo de rejeição por parte dos outros, é comum ele perder sua auto-estima e às vezes até adotar um comportamento auto-destrutivo. Esta seria uma das causas do neuroticismo do qual é comum acusar o homossexual.

É por toda essa carga que o amor entre pessoas do mesmo sexo precisa, muitas vezes, de um enquadramento dentro desses papéis culturalmente impostos para justificar a sua existência. É a dicotomia bicha/bofe (para homens) e lady/fanchona (para mulheres).

Um novo padrão comportamental

O que é um problema falso. A necessidade de uma definição dentro dos modelos macho/fêmea, dominador/dominado, se mostra cada vez mais frágil. A função da postura corporal, e da expressão gestual e verbal é hoje de traduzir a individualidade das pessoas, independentemente do seu sexo e até de sua sexualidade.

É essencial porém, que qualquer novo padrão de comportamento que se estabeleça seja o mais amplo e elástico possível.

E aqui os homossexuais adquirem um papel importante ao insistirem que suas variações comportamentais sejam respeitadas e reconhecidas como mais uma opção para a liberdade do indivíduo e, que o prazer que pode ser proporcionado por uma atividade sexual sem fins reprodutivos, também deve ser visto como um aspecto importante da vida humana.

Menor: entidade necessita de recursos

A irmã vicentina Irene Alves Lopes, que dirige há 13 anos o Lar Nossa Senhora da Consolação, abrigando 250 menores com idades variando entre quatro meses e 18 anos, pretende iniciar uma campanha com o fim de obter até o final deste ano, 20 milhões de cruzeiros, necessários para adquirir as dez casas alugadas, onde funciona a instituição.

Em 1979, ela já realizou uma campanha semelhante, obtendo doações para a compra dos imóveis, mas o preço estipulado pelos proprietários na época, 10 milhões de cruzeiros, foi triplicado em dois anos, devido a inflação: agora as casas estão valendo 30 milhões.

"Arrecadamos um terço do preço atual, que com a inflação atingiu uma soma astronômica, para uma entidade que



O Lar N.S. da Consolação funciona há 13 anos em imóveis alugados da rua Gravataí

sobrevive de donativos. Se conseguirmos mais 5 milhões em doações, e um parcelamento do valor das casas, daremos continuidade a esta obra assisten-

cial iniciada há 13 anos", explicou.

Situado na rua Cato Prato, esquina com rua Gravataí, o Lar Nossa Senhora da Consolação

tem uma despesa mensal de 550 mil cruzeiros, com aluguel, luz, água, gás e as dezoito funcionárias que trabalham na entidade.



foto Rosa Gaudiano

Missã e ato público por Eliane

"Quem ama preserva, não destrói", disse dona Elena, durante a missa de sétimo dia, realizada na Igreja da Consolação, em memória de sua filha Eliane Aparecida de Grammont, assassinada a tiros pelo ex-marido, o cantor de boleros Lindomar Castilho (ex-escrivão do DEOPS).

A missa foi oficiada pelo padre Dario Bevilacqua, acompanhada por Frei Befo, que afirmou em seu sermão: "Ninguém é dono de ninguém, e por isso não se pode admitir que alguém tenha o direito de tirar a vida de uma outra pessoa".

Beto criticou o machismo, como ato de violência e discriminação, lembrando suas raízes profundas em nossa sociedade, salientando que "lutar para transformar tudo isso, é uma tarefa para homens e mulheres indistintamente".

Dirigindo-se a dona Elena, Beto ressaltou a sua força moral, pois em poucos meses perdeu três filhos: Luciano de 21 anos, Walfrido de 32, jornalista, e agora Eliane, de 26. Referiu-se à morte de Walfrido, lembrando que teve muito a ver com a tensão vivida pelos jornalistas, não só decorrente da própria característica do seu trabalho, como também pelas constantes ameaças de desemprego que pairam sobre os jornalistas. E concluiu: "A morte é o salário que recebem aqueles que mais produzem e nada consomem".

Só para lembrar: a morte de Eliane ocorreu no dia 30 de março no café "Belle Epoque", quando Eliane cantava, acompanhada ao violão por Carlos Roberto da Silva. Lindomar Castilho entrou no café e disparou 5 tiros. Eliane deixou a fi-

lha Liliane, de 1 ano e 8 meses. Estavam separados há 6 meses e já haviam formalizado o desquite.

A música de Chico Buarque de Holanda, "João e Maria", era a predileta de Eliane e foi cantada por sua irmã Luciana, acompanhada ao violão pelo marido, encerrando a missa num clima de muita emoção.

Após a missa, em passeata convocada por várias entidades feministas, mulheres (em sua maior parte vestidas de preto, com flores brancas nas mãos) e um grande número de homens, caminharam até o Cemitério do Araçá, encerrando a manifestação junto ao túmulo de Eliane.

Sob os acordes cadenciados de um tambor e com a presença dos familiares de Eliane à frente da passeata, cen-

tenas de vozes gritavam "Não mate, ame. Mataram Eliane": "Mulher não é propriedade, queremos liberdade"; "Sem punição, mais mulheres morrerão".

As manifestantes portavam cartazes com os nomes de várias mulheres mortas recentemente por seus companheiros como Ângela Diniz, Anne Marie, Eloisa Balesteros, Cristel Arvid e tantas outras mais.

Um grupo de patinadores, de forma espontânea e demonstrando sua solidariedade, formaram uma barreira humana nas esquinas de todas as ruas que dão acesso à rua da Consolação, impedindo o trânsito, para que a passeata passasse.

Também no sábado, foi constituído o Grupo Masculino de Apoio à Luta das Mulheres, formado por intelectuais, jornalistas, estudantes e outros, que distribuíram um manifesto, durante a missa e a passeata, condenando todas as formas de agressão, discriminação e desrespeito em relação às mulheres repudiando "a invocação do tabu de honra masculina, utilizado para justificar barbaridades, entendendo que cabe à mulher o mesmo direito que ao homem de tomar decisões sobre a sua vida".

AMEAÇAS TELEFÔNICAS

O grupo SOS Mulher, um dos responsáveis pela organização da passeata, recebeu uma série de telefonemas anô-

nimos ameaçando com a explosão de bombas na sede da entidade e durante a passeata.

Mas, às ameaças, o SOS Mulher respondeu com uma mensagem distribuída durante a missa e a passeata, no seguinte teor: "Ela não o quis. Ele a matou. Exemplo supremo de Amor? Ou violência

grotescamente fantasiada? São essas coisas que nós chamamos de violência e que eles justificam como amor, ou como a "defesa da honra". Como se um homem, para ser honrado, precisasse submeter à sua vontade, o desejo e o comportamento da mulher. Todos os dias, sabemos de mais um caso de morte ou de violência contra as mulheres, nos quais a vítima acaba sempre transformada em culpada. Mesmo morta, seu suposto comportamento acaba justificando a atitude do ex-marido, afinal, ela não "lhe pertence"? "Esse foi o caso de Ângela Diniz, Maria Regina, Esmeralda Dias, Anne Marie, Eloisa Balestreros, Cristel Arvid e Eliane de Grammont, por quem nos manifestamos hoje. Por isso estamos aqui: para dizer que não somos mercadoria, não somos propriedade de ninguém. Queremos um mundo onde haja amor, ternura e respeito entre homens e mulheres. Chega de violência contra nós".

No Interior, reivindicações

As mulheres de Fernandópolis, Interior do Estado de São Paulo, lembraram o Dia Internacional da Mulher com duas atividades. Inicialmente, no dia 6 de março, cerca de 20 mães dos bairros foram ao prefeito da cidade, levar um abaixo-assinado reivindicando água, esgoto e creches. No entanto, só receberam promessas e desculpas como respostas.

Já no dia 8 de março, elas organizaram a celebração da Santa Missa em homenagem ao Dia da Mulher, no largo da Igreja São Bento, no Jardim Progresso. Houve muita preparação nos bairros, e as mães apresentaram o

que elas vêm realizando nos clubes de mães, partindo do Evangelho, especialmente sobre o trecho que mostra a solidariedade de Nossa Senhora, nas Bodas de Caná.

As mulheres do Jardim Paulista, por exemplo, com uma mantilha, um prato e um copo nas mãos, colocaram sua preocupação com o sustento da família, explicando a necessidade indispensável, por enquanto, do Pré-Nate, e a dificuldade de manter a saúde das crianças, deixando claro a urgência de saneamento básico.

Foi justamente nestas colocações — da

mulher bóia-fria e da mulher empregada doméstica — que as mulheres de Fernandópolis, num espírito de Fé

e solidariedade, renovaram na celebração a caminhada para a conquista dos direitos e da dignidade da mulher.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: C. S. SPAN

Date 17, 04, 81

Pág. 24

Pasta n.°

N.º do recorte...

Mulheres do
EST. 20 17/4/81 p 24
ano recebem
brasão de ouro

Por sua atuação junto aos menores abandonados do Lar Esperança, as sras. Mimi Cury e Palmira Marchi receberão o título de "Mulheres do Ano de 1981", oferecido pelo São Paulo Woman's Club. Elas receberão, durante almoço na Mansão França, no dia 28 próximo, o brasão do clube confeccionado em ouro por R. Simon Joalheiros.

Mulheres decidem:

SOS Mulher agora em Osasco

Tendo como base as resoluções tiradas durante o 3.º Congresso da Mulher Paulista, cerca de 30 mulheres de Osasco, realizaram no último dia 4, o 2.º Encontro da Mulher de Osasco. Saúde e Sexualidade, Mulher e Trabalho, Educação e Violência e Mulher e Participação política foram os principais temas debatidos e das discussões, algumas propostas tais como extensão dos serviços prestados pela SOS Mulher de São Paulo à Osasco, debates nos bairros sobre o problema da saúde da mulher, união dos bairros que estejam lutando por creche, já estão sendo encaminhados pelas comissões-tarefas.

Antes de serem lidas e discutidas as resoluções do Congresso e do 1.º Encontro de Mulheres, realizado em Osasco no último dia 21 de fevereiro, foi feito um minuto de silêncio em homenagem à Eliane de Grammont, assassinada no início do mês pelo cantor Lindomar Castilho.

Para discussão e encaminhamento das propostas, as participantes dividiram-se em três grupos - o primeiro se responsabilizou pelo tema "Mulher e Trabalho", o segundo por "Creches" e o terceiro por "Mulher e Violência" e "Mulher e Saúde".

Sobre o primeiro tema "Mulher e Trabalho" ficou decidido se fazer um curso preparatório para o Senai

somente com mulheres para que elas possam concorrer aos exames no próximo semestre. Foi decidido também fazer encontros de mulheres por categorias para discutir os problemas que existem no setor de trabalho ou no desenvolvimento da sua profissão. Fazer cursos sobre legislação trabalhista e criar um setor na cidade de informação profissional para que as trabalhadoras fiquem por dentro dos cursos profissionalizantes que estejam sendo promovidos pela prefeitura ou por entidades profissionais.

Creches insuficientes

O grupo que discutiu sobre creches chegou a conclusão que o número de creches existentes na cidade são suficientes para atender aos filhos das mães trabalhadoras.

"Se o prefeito alega falta de verbas para construir mais creches, afirmou uma das participantes, deveria pelo menos melhorar o atendimento das que já existem. Além de não funcionarem aos sábados, continuou, as creches estão atendendo crianças de até 5 anos de idade ao invés de 6 anos, como foi combinado pela Secretaria de Promoção Social no ano passado.

Sobre os centros de Vivência e Parques Infantis, concluiu-se que o horário de atendimento — três horas e meia em cada perío-

do — não permite que as mães ocupem esse tempo para trabalhar.

Para o problema das creches, as propostas foram as seguintes:

— Unir os bairros que estejam lutando por creches para dar mais força ao movimento; fazer um levantamento das fábricas que têm convênio com creches da prefeitura ou particular e posteriormente divulgar entre as funcionárias, convidar operárias para discutir sobre a importância de creches.

SOS em Osasco

O terceiro e último grupo, encarregado pelos temas "Mulher e Violência" e "Saúde e Mulher" deverão batalhar para que os serviços prestados pelo SOS Mulher de São Paulo sejam estendidos à Osasco. Segundo Selma Moraes Rocha esses serviços passariam a funcionar no CDDHO — Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Osasco. Sobre o tema "Saúde e Mulher" será feita uma campanha nos bairros para: alertar as mulheres contra o programa de controle de natalidade do governo e sobre o uso e gravidade dos contraceptivos.

No próximo dia 24, os três grupos deverão se reunir novamente para fazerem um balanço das atividades já realizadas durante esse período.

(Margarida
Nepomuceno)

“Mulher do ano 1981”

• O almoço promovido pelo São Paulo Woman's Club em homenagem à “Mulher do Ano 1981” acontecerá dia 28 na Mansão França. Assim como o Prêmio Nobel é muitas vezes dividido, este ano o título caberá a duas beneméritas: Mimi Bitar Cury e Palmira Marchi, fundadoras do orfanato “Lar Esperança” na cidade de Casa Branca. Mimi, brasileira naturalizada e casada com o eng. brasileiro Alberto Bitar Cury, conheceu Palmira Marchi, esposa de um alfaiate em Casa Branca e resolveram fundar o Lar Esperança (sem cadeados nas portas) atualmente com 300 menores assistidos, cada um executando sua tarefa. Estas são as eleitas, apresentadas terça-feira próxima, para receberem esta justa homenagem, por sua dedicação à infância desvalida. 25/4/81

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *C. Est. S. Paulo*
Data: *25/04/84*
Pág.: *30*

Pasta n.º

N.º do recorte

Est. S. Paulo
P 30
25/4/84
**Dia 28, entrega
de título à
"Mulher do Ano"**

O almoço em homenagem à "Mulher do Ano 1981" eleita pelo São Paulo Woman's Clube (Clube Paulistano de Senhoras) será realizado no dia 28 do corrente, terça-feira, às 12 horas, na Mansão Franca, à av. Angélica, 707. Este ano a São Paulo Woman's Club homenageará duas personalidades: Mimi Bitar Cury, e Palmira Marchi, fundadoras do orfanato "Lar Esperança" em Casa Branca.

Tudo começou quando Palmira Marchi deparou com duas crianças na lata de lixo. Atualmente, o "Lar" (sem cadeados nas portas) conta com 300 menores, cada um executando sua tarefa.

Pela primeira vez em 18 anos o São Paulo Woman's Club elegeu a "Mulher Do Ano" entre seus membros. Mimi, que é brasileira naturalizada, graduada pela Universidade Americana de Beirut, e Palmira, esposa de um alfaiate em Casa Branca. Convites para o almoço (280-2214) com d.Dolly, das 13 as 16 horas.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Folha: 38 TPRCE
Jornal: ...
Data: 28/04/81
Pág. ...

Pasta n.º ...
N.º do recorte: ...

**Creche atenderá a
70 crianças em
Campo Limpo**

"A obra aqui desenvolvida desde 1947 serviu-me, até, como um verdadeiro aprendizado para o meu atual trabalho em prol das crianças de todo o Estado", afirmou dona Sylvia Lutfalla Maluf, presidente do Fundo de Assistência Social do Palácio do Governo, ao inaugurar o "Cedrinho", uma moderna creche que vai atender a 70 crianças (até quatro anos de idade), na região de Campo Limpo.

A solenidade, estiveram presentes, entre outros, o secretário da Promoção Social, Antônio Salim Curiatti, e dona Maria Maluf (mãe do governador Paulo Maluf), uma das fundadoras da Sociedade Cedro de Líbano de Proteção à Infância, responsável pela manutenção da creche.

O "Cedrinho" funcionará, diariamente, das 7 às 18h30, fornecendo completa assistência médica, alimentar e educacional à crianças cujas mães trabalham fora e que, também, receberão orientação sobre a melhor maneira de cuidar dos seus filhos.

A Sociedade Cedro do Líbano de Proteção à Infância, presidida por Vera Catine Mattar, além da creche, mantém, em regime de internato e semi-internato, 165 outras crianças oriundas de famílias humildes. Localiza-se na avenida Guarapiranga, 1.998 e vem funcionando ininterruptamente há 34 anos com auxílio, principalmente, da coletividade libanesa de São Paulo.

Denunciada ação para boicotar o aleitamento

Da sucursal de
BRASÍLIA

A ação da Nestlé no Brasil para "contra-atacar" a campanha de incentivo ao aleitamento materno desencadeada pelo Ministério da Saúde, desencorajando a amamentação, foi denunciada este mês no último boletim da International Baby Food Action Network, instituição de defesa do consumidor, voltada especialmente para produtos infantis, com sede nos Estados Unidos. A Ibfan denuncia, ainda, o Laboratório Abbott Ross, que detém 53% dos 600 milhões de dólares — cerca de Cr\$ 48 bilhões — do mercado americano de leite artificial, de favorecer a Academia de Pediatria daquele país com o mesmo objetivo: "O Abbott dará um milhão de dólares à Academia, divididos em 500 mil em dois anos, com opção para renovação".

Para o Ibfan, existe forte correlação entre a alimentação artificial e a desnutrição e, segundo o boletim, essa foi uma das razões que levou o governo

brasileiro a fazer uma campanha nacional de incentivo ao aleitamento materno, através do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (Inam) — e da Unicef. Frisa o boletim que apenas 75% das mulheres brasileiras amamentam seus filhos, e dessas somente 12% o fazem além de quatro semanas de vida do bebê.

É destaque do boletim, inclusive, o código internacional para comercialização de produtos sucedâneos do leite materno, que será discutido e votado em Genebra de 4 a 22 de maio. Para o Ibfan, "a controvérsia sobre o comércio de leite infantil terá seu clímax em maio, mas a oposição da indústria do leite infantil ao código assegura que a controvérsia não acabará tão cedo". Na opinião dos pesquisadores e cientistas que se reúnem no Ibfan, "para proteger um mercado delicado, a indústria de leite infantil declarou guerra ao código, pressionou os governos dos países estratégicos para votarem contra o código ou, no mínimo, garantirem que o código não será nunca aprovado nesses países".

"O silêncio é cúmplice da violência"

Sob esta bandeira cerca de mil pessoas saíram em passeata pelas ruas de São Paulo, no último dia 4, em protesto pelo assassinato de Eliane de Grammont.

Por Maria Tereza Verardo e Regina Fernandes

Cerca de 3.000 pessoas assistiram neste sábado, às 16 horas, à missa de 7º dia de Eliane de Grammont, celebrada na Igreja da Consolação, no centro de S. Paulo. Durante o sermão, que ficou a cargo do frei Carlos Alberto Libânio, o frei Beto, foi reafirmado que "o amor é liberdade, atrelá-lo a interesses é transformá-lo em ódio, o mesmo ódio que sustenta regimes de opressão e repressão". A missa terminou às 16,30, com a irmã caçula de Eliane, Luciana, cantando "João e Maria", de Chico Buarque, a música que Eliane cantava quando foi assassinada.

Logo após a missa, teve início a passeata que seguiu até o cemitério do Araçá, na Rua Dr.

Arnaldo (cerca de 3km) reunindo 1.000 pessoas, com um grande número de mulheres vestidas de negro, simbolizando o luto e o protesto pela morte de Eliane de Grammont.

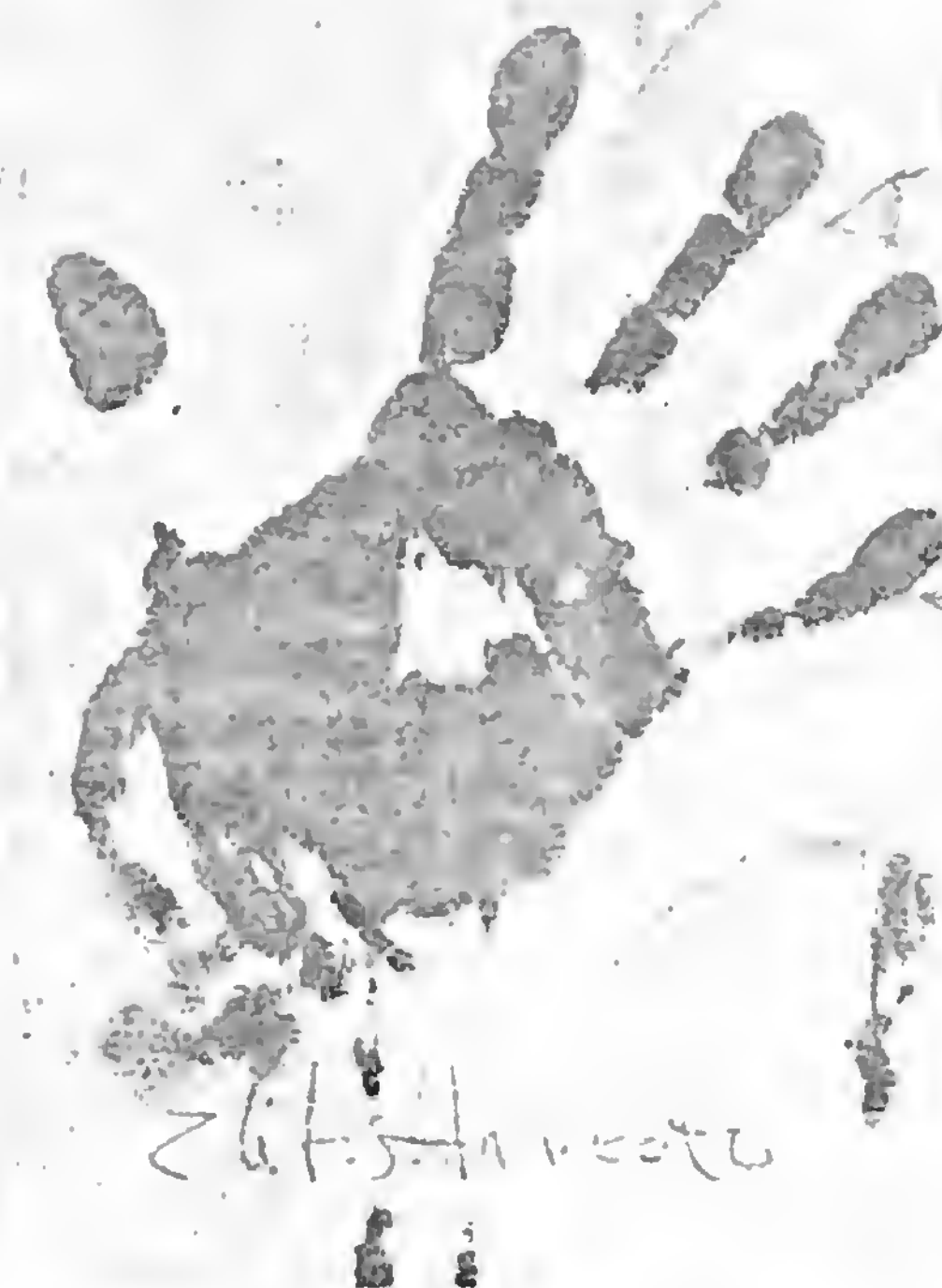
Empunhando faixas com palavras de ordem "Mulher não é propriedade", "O silêncio é cúmplice da violência", e cartazes com os nomes de cerca de 30 mulheres vítimas de crimes passionais, a passeata seguiu marcada pelo ritmo de um tambor e de matracas.

Fato curioso, o trânsito ficou totalmente congestionado durante todo o trajeto da passeata e nas ruas paralelas foi interditado por um grupo de 10 patinadores que aderiu espontaneamente à manifestação.

Apesar das várias ameaças de morte e de bombas recebidas pelo SOS-Mulher, e apesar da queixa registrada na delegacia de Pinheiros pedindo garantias aos participantes, não havia nenhum policial nas imediações da passeata.

A caminhada durou duas horas e terminou no jazigo de Eliane com a leitura do documento distribuído pelo SOS-Mulher que denunciava a violência contra as mulheres, e com a palavra de D. Elena, mãe de Eliane, que "estava emocionada diante de coisa tão maravilhosa", e disse: "espero que o criminoso não fique impune. Sei que Eliane está feliz neste momento". Num clima de grande emoção, os manifestantes depositaram suas flores no túmulo da vítima.

SOS MULHER



Jesus Carlos (JORNACOOOP)



Jesus Carlos (JORNACOOOP)



Jesus Carlos (JORNACOOOP)

Pelotas Casa do estudante livre

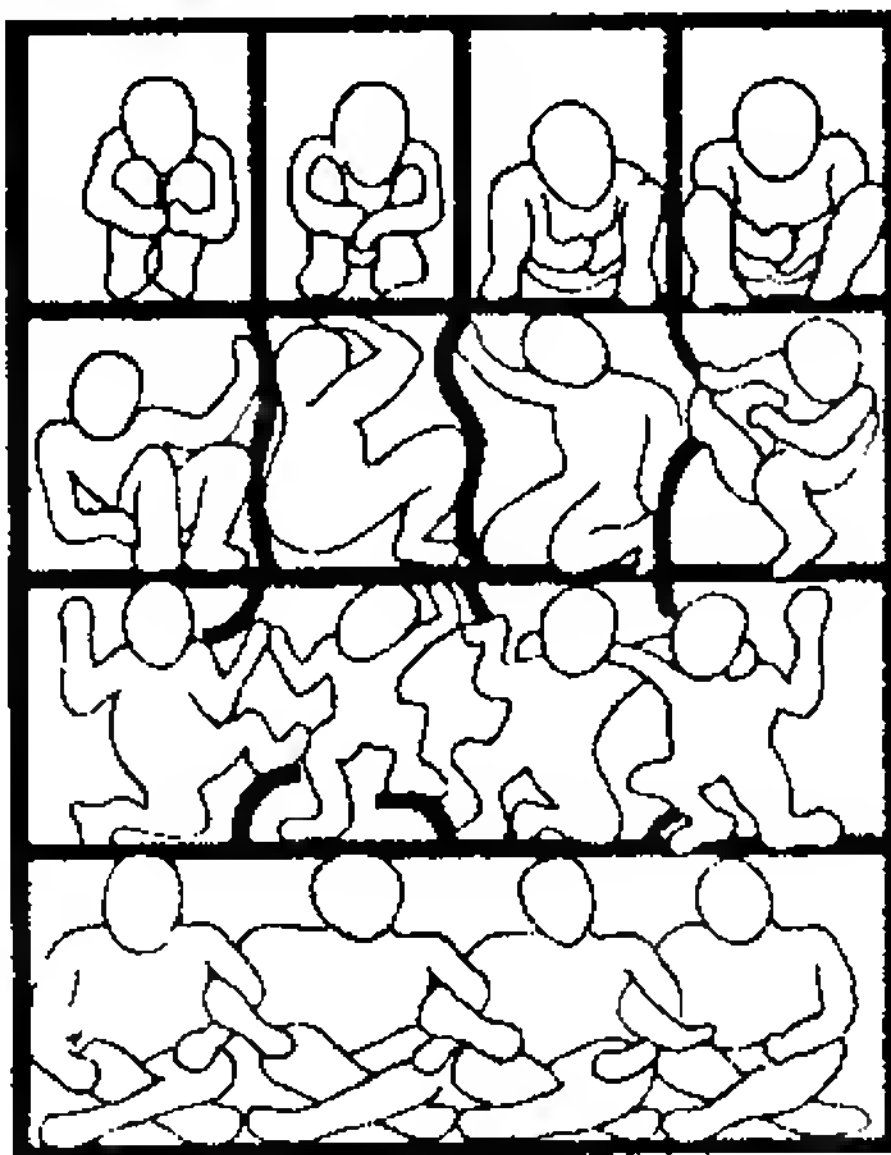
Da Sucursal de Minas

Depois de várias tentativas para acabar com a repressão imposta aos moradores da Casa do Estudante de Pelotas, onde era proibida a entrada de mulheres, foi organizada uma entrada coletiva de mulheres na Casa, conquistando finalmente o direito de entrar e sair livremente das suas dependências.

As tentativas de diálogo dos moradores, o reitor da UFPel (Universidade Federal de Pelotas) só teve uma resposta: "levem suas negas pra outro lugar", muito semelhante à resposta que o ex-reitor da UFRGS deu aos estudantes no ano passado quando também reivindicavam o livre acesso de mulheres à Casa do Estudante Universitário de Porto Alegre, mandando que "levassem as moças para o Parque da Redenção, que Casa de Estudante não é cabaré".

A proposta de mobilização em torno da entrada de mulheres na Casa foi colocada pelos moradores em uma assembleia geral universitária, chamando os demais estudantes e as mulheres para participarem de sua organização.

Com a divulgação feita nos dias anteriores, criando um clima favorável, e pelo fato da casa de estudantes estar a poucas quadras do centro da cidade, a população de Pelotas parou no dia 31 de março pra ver as



mulheres entrarem, com a participação de cerca de mil pessoas entre a entrada, a concentração e os debates que houve depois.

No sábado antes da invasão, o reitor deu a resposta às reivindicações dos estudantes, onde apenas uma delas era atendida. Logo após a invasão, foi divulgada uma nova resposta por parte da reitoria atendendo todas as reivindicações dos estudantes da UFPel. Embora todo o meio estudantil estivesse envolvido na invasão, ela foi sustentada basicamente por aqueles que eram os mais atingidos: os moradores e as mulheres.

Seis meses de SOS-MULHER

No dia 10 de outubro de 1980, cerca de 400 pessoas fizeram uma manifestação nas escadarias do Teatro Municipal, em São Paulo, protestando contra o assassinato de Esmeralda Dias. Era o lançamento do SOS-MULHER. Seis meses depois, o SOS-MULHER volta às ruas para protestar contra o assassinato de Eliana de Grammont. Desta vez, cerca de 1.000 mulheres acompanharam a passeata. Esse aumento quantitativo não é nada casual, ele representa de fato um crescimento da consciência das mulheres de que a violência é consequência da posição marginal que ocupam na sociedade. Esta consciência está se concretizando em decisão de luta, de transformação das mentalidades, e na ampliação da solidariedade entre mulheres.

No decorrer desses seis meses, a simples existência desse coletivo voltado para a violência contra a mulher colocou às claras um problema enrustido. A questão veio à tona: começou a resposta pública, embora pontual, às diversas manifestações do machismo, da discriminação, e da opressão de que a mulher é vítima. Embora essa atuação tenha sido fragmentária, em maior ou menor grau todos os grupos feministas de São Paulo, e de outros estados do Brasil, estão assumindo este ponto chave da luta das mulheres. É uma fase transitória para uma nova atuação, uma atuação conjunta, mais sistemática e a nível nacional.

Para tanto deverá se realizar, em julho, em Salvador, uma reunião de todos os grupos de mulheres do Brasil para discutir a questão da violência contra a mulher.

Para o SOS-MULHER, essa atuação externa foi fragmentada por causa da mobilização do cole-

tivo em cima de apenas um dos seus objetivos: o plantão de atendimento, que é importante por ser uma prestação de serviços, por permitir um contato real com o cotidiano das mulheres e uma reflexão conjunta sobre as causas dessa violência. É importante mas não exclusivo. No entanto se tornou exclusivo pela batalha que se travou contra a falta total de infraestrutura para o trabalho. Todas as energias foram mobilizadas contra a falta de sede adequada, contra a falta de telefone para facilitar o trabalho, contra a falta de dinheiro para comprar o indispensável. Era tentar se tirar do nada alguma coisa.

Todas essas dificuldades impediram a definição de objetivos de atuação política clara. E geraram a frustração de se estar fazendo um trabalho apenas assistencial. Então, é sintomático que, seis meses após sua inauguração e no momento de um ato de denúncia clara do machismo, o SOS promova uma discussão interna, que deve definir e direcionar sua atuação política externa, definir a sua ligação com os movimentos populares, criar métodos para uma agitação constante em torno do tema através de publicações, debates e reflexão.

Neste momento, as inúmeras ameaças de morte e de bombas recebidas pelo SOS não se tornam restritas ao caso específico de Eliane. Pois na medida em que ele se restringisse a ser um órgão assistencialista e de pouca atuação política, seria visto com condescendência por todos os setores sociais. Mas no momento em que o SOS resolve dar maior ênfase e se organizar para um questionamento sistemático das estruturas sócio-econômicas e políticas que geram a violência e o machismo, ele perde esta condescendência e passa a incomodar o sistema estabelecido.